



LEVANTEMOS A IMPRENSA DO PARTIDO

Camaradas

Ao analisar o 1º ano de vida do Partido e ao aproximar-se o nosso II Congresso é meu dever, assim como de todos os militantes participar na Tribuna do Congresso.

Considerando a imprensa partidária como o grande suporte político do nosso Partido é sobre ela que vou fazer algumas considerações.

Na minha opinião, a nossa imprensa revela nesta altura uma fachada rica (muitos jornais), enquanto que no interior destes é tanta a sua pobreza (repetição de textos, gravuras, etc.).

Porquê quatro jornais se no geral todos dizem o mesmo? Infelizmente por vezes até se chocam, o que é resultante de erros de alguns camaradas, ao terem práticas individualistas, esquecendo o colectivo pondo em chéque o nosso glorioso Partido.

Para além do número de jornais ser exagerado o que também serve para escudar a resistência de alguns camaradas no seu papel de ligação às massas (agitação e propaganda), ainda se facilita o terreno para as tarefas fáceis dos mesmos, abrindo-se as portas ao liberalismo e por sua vez cultiva-se o praticismo.

Camaradas, tendo em conta o que já atrás descrevi, impõe-se que na nossa Tribuna aparecesse resposta a algumas considerações que eu reputo de grande importância para a vida do Partido a nível da nossa imprensa.

Por exemplo:

Que papel representa o Tribuna Operária, o J.R. e a Voz do Povo?

Não estarão os mesmos a diluir o órgão central (Bandeira Vermelha)?

Não será (por exemplo) a Tribuna Operária uma estrutura paralela no campo teórico no campo sindical, face ao nosso Órgão Central?

Pois camaradas eu tenho dúvidas e por isso aqui as ponho!

Eu penso que é ao Órgão Central e a mais nenhum órgão da imprensa escrita do Partido que compete orientar a linha revolucionária sindical, assim como a tática a aplicar em todas as frentes.

Considerando-me marxista-

leninista e fiel aos seus princípios, não aceito directivas escritas que não sejam as do meu Órgão Central (Bandeira Vermelha) daí que muitas vezes eu subestime a leitura dos outros jornais, pois se na maioria das vezes, eles se ligam, alturas há que se chocam.

Camaradas poder-se-á dizer que o Órgão Central não está cabalmente a cumprir o seu papel de direcção política. Eu também penso que sim: no entanto compete a nós todos, elevarmos o seu papel de direcção

direito à palavra, ditando revolucionariamente para o seio estudantil, através do Órgão Central (Bandeira Vermelha), por exemplo: um suplemento.

Aos camaradas da Tribuna Operária o meu apelo é mais duro e isto, porque sobre vós recai a grande tarefa de direcção, para levar à prática, as palavras expressas na resolução política do nosso Comité Central (Unidade da Classe Operária) que determina como tarefa principal no campo sindical, a conquista dos sindicatos traido-

serão amorfas e ocas. É disto que se tira a resultante da verdade prática.

Na análise feita à imprensa partidária do Partido, cheguei à conclusão que é fundamental, para dar resposta a todas as questões políticas, e tendo em conta o papel fascizante que a imprensa burguesa no campo ideológico abate sobre as massas exploradas, é fundamental e de imediato a publicação diária de um jornal de massas.

Para isso é preciso que todo o Partido assimile e leve à prática, esta batalha, contribuindo revolucionariamente no avanço da Revolução Democrática Popular.

Também não queria terminar sem alertar alguns camaradas, principalmente os responsáveis legais pela agitação e propaganda do Partido, pela maneira incorrecta como difundem a nossa imprensa.

Camaradas, o nosso Órgão Central não é nenhum bicho, ele não morde os comunistas, pelo contrário: guia-nos.

Poderá ferir, isso sim, e de que maneira, os cunhalistas; dará concerteza punhaladas nos fascistas, mas isso camaradas, é a sua missão.

Então camarada porque é que foges das massas? Não é na luta diária que tu cada vez mais te afirmas? Não é no seio dela que tu lês, divulgas e ensinas, ajudando-a a assimilar a nossa linha? Não tens dúvidas pois não camarada! Então porque hesitas?

Ganhemos o Partido em torno do nosso Órgão Central!

Em frente pelo Jornal diário!

Estudo activo por uma melhor participação no nosso Congresso!

VIVA O PCP(R)!



contribuindo com críticas positivas, dando sugestões alicerçadas nos ensinamentos extraídos do povo explorado e oprimido.

Penso também que além do Órgão Central só tem lugar na imprensa do partido no momento histórico que atravessamos, mais um jornal, e aí não posso ter dúvidas na opção.

Camaradas, forjemo-nos na luta intransigente pela conquista de um jornal diário. Não é a "Voz do Povo" (semanal) nem os quinzenários (J.R. e Tribuna Operária) que de uma forma consequente, poderão alertar toda a classe explorada dos problemas que a afectam, e com o atraso de educação directiva destes, vai-se cavando valas profundas na etapa da revolução.

Aos jovens da UJCR, quero deixar bem expresso que não é com um jornal bastante amadurecido (em tamanho) que ele dará bons frutos. Parece-me mais correcto nesta altura que os jovens estudantes, tenham o

res dando a todo este movimento uma actividade revolucionária consequente.

Portanto camaradas, da mesma maneira que vocês escrevem para o T.O., devem fazê-lo de uma forma mais organizada para o Órgão Central e sob a sua direcção, preenchendo páginas que sejam a verdade extraída da prática por vós exercida.

Pode-se escrever muito bem, pode-se ditar palavras lindas, mas se elas tiverem desligadas do seio das massas as mesmas

CORRESPONDÊNCIA

Chamamos a atenção dos camaradas de que o endereço dos materiais a enviar para a Tribuna do Congresso deve ser apenas, sem qualquer outra referência:

Apartado 4.199
Benfica
LISBOA

SOBRE O PROJECTO DE RESOLUÇÃO POLÍTICA DO CC PARA O II CONGRESSO, III PARTE (A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICO-POPULAR EM MARCHA PARA O SOCIALISMO ESTRELA POLAR DA NOSSA LUTA), 7º PONTO (A DEMOCRACIA POPULAR E O SOCIALISMO)

Camaradas:

O 7º ponto começa com a justa afirmação seguinte: "para o nosso Partido e para o conjunto das forças revolucionárias, é da maior importância compreender o carácter da Revolução Democrático-Popular, aquilo que a aproxima e aquilo que a distingue da Revolução Socialista." Todavia na exposição que se segue parece não se conseguir totalmente esse objectivo. Eu não tenho dúvidas acerca da necessidade da etapa democrático-popular da revolução. No entanto parece-me necessário justificá-la e identificá-la mais claramente, para que os militantes do nosso PCP(R) e "o conjunto das forças revolucionárias" a compreendam de forma devida.

Parece-me insuficiente dizer-se que a Revolução Democrático-Popular é a preparação necessária da Revolução Socialista, que é para levar a efeito as tarefas democrático-populares, e indicar a largueza da aliança de classes que a leva a cabo. O que eu acho importante para se compreender a necessidade da Revolução Democrático-Popular, é uma maior pormenorização das situações e relações criadas com esta etapa da Revolu-

ção e que não são ainda situações ou relações socialistas. Assim, não será um factor determinante e identificativo da actual etapa da Revolução, a manutenção da propriedade privada, especialmente entre os pequenos e médios camponeses a norte do Tejo? Não existirão outras situações ou relações claras que nos ajudem a distinguir claramente as diferentes etapas da Revolução e a sua necessidade histórica?

A compreensão destas questões parece-me vital. É por isso que vos envio esta crítica, e se de facto ela não tiver fundamento, tanto melhor: é sinal de que a exposição desta questão é clara e completa, e sou eu quem realmente ainda não a percebi.

Entretanto, quero saudar os camaradas do CC, pela riqueza deste projecto de resolução política, que considero um grande passo em frente, na apreciação marxista-leninista da luta de classes no nosso país, e uma contribuição preciosa para a linha política, justa e criadora do nosso Partido.

Viva o II Congresso do nosso querido PCP(R)!

Viva o Comunismo!

P

O GONÇALVISMO

Gonçalvismo — penso que se trata de um erro o emprego de um termo lançado por toda a direita para rotular um período de verdadeiro ascenso do movimento popular face à impotência e paralisação de um governo em que participavam todas as forças da burguesia. Além disso V. Gonçalves, foi um indivíduo altamente utilizado pelos revisas e um bom servidor dos seus objectivos, mas parece-me que todo o P. de Resolução se preo-

cupa com a correcta distinção entre democratas e fascistas, entre o campo revolucionário e popular e o campo fascista e social-fascista. V. Gonçalves é uma figura que se popularizou e se tornou grata em largos sectores atrasados da nossa população. Não penso que deva ser apoiado pelos seus erros, mas neutralizado ou conquistado.

R. da célula Maria Machado

APELO

Os 12 longos anos de grupismo, que desprezaram todo o passado histórico do nosso velho Partido, levaram a que hoje o PCP(R), não disponha de grande parte dos documentos editados desde a sua fundação até à traição revisionista 1921/1956. Esses materiais tão necessários ao Partido para estudo, aprofundamento das lições aí apresentadas e para publicação, encontram-se muitas vezes dispersos. Isto é uma deficiência e tem de ser combatida. A compreensão deste facto por todos os militantes é imprescindível e urgente.

Apelamos a todos os camaradas para que nos en-

viem todos os materiais deste tipo que possuam, que solicitem a amigos, simpatizantes ou velhos militantes do velho PCP e que o abandonaram, que nos cedam para fotocopiar, fotografar ou nos ofereçam, documentos e todos os materiais (Avantes, Militantes, jornais de empresa, etc.). Façamos desta tarefa um dever!

Esforcemo-nos por trazer para o Partido, todos os documentos, imprensa, comunicados, publicações, etc., etc., que possam contribuir para a história do nosso Partido.

Comissão de Redacção do TC

Esclarecimento

Da carta de um camarada que chamava a atenção para algumas gralhas (já corrigidas) publicamos a sua última parte conjuntamente com o devido esclarecimento da Comissão de Redacção da TC.

(...) 3. Entre "As lições da vitória popular nas eleições presidenciais" (ponto 23, pags. 15 e 16), o 4º parágrafo afirma que, a nível nacional "40% do proletariado" votou por Otelo, e, "na região industrial de Lisboa-Setúbal, Otelo obteve a votação de cerca de dois terços da classe operária". Logo adiante, lê-se que, "no Alentejo, a Unidade Popular ganhou 30 a 40% dos votos proletários". Esta "gralha" não é tipográfica, e, portanto, é a mais grave de todas.

Tais percentagens só podem ser deduzidas se admitirmos, à partida, que todos os votos em Otelo provieram do proletariado; que os votos provenientes das outras classes e camadas sociais, se existiram, foram tão excepcionais que não tiveram

qualquer significado percentual. Esta "teoria" é absolutamente insustentável e expõe-nos ao ridículo. Assim, peço-vos camaradas que substituam aquelas afirmações por outras mais realistas, tais como: "nas zonas de maior concentração da classe operária, como o eixo industrial Lisboa-Setúbal, Otelo obteve a votação de x% do eleitorado", etc..

Saudações comunistas
Al (célula 27 de Novembro
Região Enver Hoxha)

Lisboa, 4 de Fevereiro 1977

Querido Camarada:

Como já deves ter verificado, foi feita a rectificação das gralhas que apontaste ao projecto de Resolução. Quanto aos erros que julgas ter havido nas percentagens da votação em Otelo, não tens razão. As percentagens apresentadas, que são as que foram dadas na Resolução da 6ª Reunião Plenária do Comité

Central, foram calculadas do modo seguinte:

a) "a nível nacional, 40% do proletariado votou por Otelo" — da votação total de 800 000 em Otelo calculou-se que um pouco mais de metade fosse votos proletários, ou seja, entre 450 e 500 mil votos. Citando-se o proletariado em 1 200 000 pessoas, com base nos dados estatísticos, teremos que votaram em Otelo 40% dos proletários.

b) "na região industrial Lisboa-Setúbal Otelo obteve a votação de cerca de dois terços da classe operária" — nesta região (excluindo a parte norte do distrito de Lisboa e a parte sul do distrito de Setúbal) votaram em Otelo cerca de 350 000 eleitores. Calculou-se que um pouco mais de metade destes votos, ou seja, uns 200 mil, fossem proletários. Como o proletariado nesta região está calculado, com base nos dados estatísticos, em 300 mil pessoas, concluímos que cerca de 2/3 dos operários da região votaram em Otelo.

c) "no Alentejo, a Unidade Popular ganhou 30% a 40% dos votos proletários" — no total de 350 mil votantes nos distritos de Beja, Évora, Portalegre e parte sul do distrito de Setúbal, que formam o Alentejo, votaram em Otelo 100 mil, ou seja, cerca de 28%. Partindo da hipótese, comprovada por muitos exemplos locais, de que a votação do proletariado alentejano na Unidade Popular foi mais alta do que a média geral obtida no Alentejo, pode afirmar-se com segurança que 30% a 40% do proletariado alentejano votou em Otelo.

Como vês, não há nenhuma razão para concluir como fizeste que as percentagens apresentadas obrigariam a admitir que os votos em Otelo tinham sido só votos proletários. Parece-nos que os cálculos feitos são razoáveis e que se pecam é por defeito e não por excesso.

Aguardando novas colaborações da tua parte, aceita, querido camarada, saudações comunistas da

Comissão de Redacção da Tribuna do Congresso.

AS ARTES E AS LETRAS SERVEM A TÁTICA DO PARTIDO

"Escritores e artistas mantiveram-se sempre junto ao Partido, foram os seus auxiliares permanentes na luta pela educação comunista."

Enver Hoxha, do Relatório apresentado ao VII Congresso.

Não é desconhecida de nenhum dos militantes do Partido a importância que os Partidos marxistas-leninistas irmãos dão à arte e à cultura enquanto contributos válidos para a educação ideológica das massas.

Nomeadamente o PTA e o PCCH consideram que o papel dos escritores e artistas populares revolucionários na defesa de uma cultura nacional, científica e de massas está nas primeiras linhas de combate contra a influência ideológica do Imperialismo e do Revisionismo.

Não há ninguém dentro do Partido que conscientemente não reconheça que esta é a atitude correcta e revolucionária para com as questões culturais e artísticas por que se regem os verdadeiros partidos comunistas. No entanto, no nosso Partido, estes ensinamentos ainda não foram totalmente transferidos para a prática, nem o grosso dos seus militantes do sector das Artes e das Letras foi reconhecido como um fiel obreiro da revolução.

Na prática verifica-se que existem camaradas que menosprezam o papel da cultura, relegando-a para segundo plano, ou deixando-a pura e simplesmente ao abandono, alegando que isso não é a tarefa principal e que não tem efeitos palpáveis no avanço revolucionário. Alguns camaradas resistem a compreender que a luta no campo das artes e das letras, da filosofia e da ciência, é um dos âmbitos em que se desenvolve a Frente Cultural Popular de massas. Isto significa, além de um certo sectarismo ainda enraizado para com tudo o que é trabalho intelectual, uma resistência à tática do Partido.

É um sintoma particularmente grave o facto de que no norte não tenham sido feitos todos os esforços para que a célula da cultura esteja já a funcionar, tendo

nós conhecimento de que no Plenário da FAPIR (Frente dos Artistas Populares e Intelectuais Revolucionários) no Porto estiveram presentes cerca de duzentos e cinquenta artistas e intelectuais, vindos de todas as zonas do norte do país e algumas do centro. Aí havia camaradas comunistas. Não se deve ter uma visão estreita quanto à FAPIR. As poucas vitórias que temos conseguido na luta podem multiplicar-se cada vez mais. Mas para isso necessitamos do apoio de todos os camaradas.

Temos vindo há bastante tempo a alertar o Partido para o facto de que a FAPIR só existirá como Frente e só levará a tática do Partido, neste campo, ao povo, quando todos os seus militantes compreenderem que os artistas populares e intelectuais não vivem só em Lisboa, mas sim no espaço que vai do Minho ao Algarve.

Que, onde houver uma banda de música, um grupo de teatro, um grupo coral, uma biblioteca, populares, o Partido crie condições para, aí fazer existir a FAPIR.

NÃO UTILIZAR ERRADAMENTE OS GRUPOS CULTURAIS

Por alguma razão temos constatado que as sessões culturais e festas organizadas pelos camaradas proletários nos diversos pontos do país decorrem com organização e disciplina exemplares, enquanto que muitas das festas promovidas pelos camaradas oriundos da pequena burguesia decorrem cheias de falhas graves e de incorrecções políticas. É que, além dos maus métodos de trabalho destes camaradas, reflecte-se aqui uma série de incompreensões sobre o que é a cultura e de que modo os grupos culturais servem o povo.

Ora os grupos de teatro, os cantores populares, não podem nunca servir de remendo à falta de implantação e trabalho de massas, mas sim devem acompanhar o desenvolvimento desse trabalho comunista.

Sessões desmarcadas à última hora, festas com pouca gente devido à propaganda mal feita, não pla-



nificação para o acolhimento (dormida e comida) dos camaradas que vão fazer a sessão, fuga às responsabilidades monetárias para com os diversos grupos que vão actuar, são erros que devem ser ultrapassados porque demonstram a falta de firmeza e espírito revolucionário dos camaradas que não fazem das suas tarefas um cavalo de batalha.

Conscientes dos nossos deveres como artistas e intelectuais comunistas, e apesar da nossa inexperiência como criadores revolucionários, estamos empenhados no levantamento da bandeira da cultura popular e revolucionária ao serviço do Povo e da Revolução.

Não escondemos contudo os nossos erros (não chegar com antecedência às sessões, programar por vezes mal o repertório...) mas estamos decididos, com firmeza, a corrigi-los. Temos já canções, músicas, obras, embrenhadas desse espírito militante. Mas ao mesmo tempo estamos conscientes das nossas limitações. Se os quadros e todos os militantes, principalmente os proletários, não nos ajudarem com a sua crítica rigorosa e justa, baseada no marxismo-leninismo, a combater as nossas falhas, então nós

não poderemos dar ao Partido aquilo que ele exige de nós.

No seu escrito "Sobre a Democracia Nova", afirma o camarada MAO:

"A cultura revolucionária é uma poderosa arma revolucionária para as grandes massas populares. Antes do começo da revolução, ela prepara ideologicamente o terreno, e, durante esta, constitui uma frente de combate necessária e importante na frente geral da revolução. Os trabalhadores revolucionários da cultura são os comandantes dos vários escalões dessa frente cultural sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário; por aí se pode ver quão importante é o movimento cultural revolucionário para o movimento prático revolucionário."

LEVANTEMOS AS ARTES E AS LETRAS DO PARTIDO!

LEVANTEMOS A FAPIR E A CULTURA POPULAR E REVOLUCIONÁRIA!

Secretariado da célula Bento de Jesus Caraça

ACERCA DO ARTIGO 16^o DOS ESTATUTOS

À Comissão de Redacção da
Tribuna do Congresso

A nova redacção do Art. 16 do capítulo "Princípios de Organização e Estrutura do Partido" contida na proposta de Estatutos apresentada pelo CC levanta questões importantes, que o camarada M., no seu artigo da TC nº 3, escamoteia por detrás de frases justas sobre o centralismo democrático, mas que em nada esclarecem o problema, já que esse centralismo democrático estava salvaguardado pelo mesmo artigo dos Estatutos actuais.

É ao CC que compete tomar posição, em nome de todo o Partido, sobre quaisquer questões de âmbito nacional ou internacional. Após tais tomadas de posição, não é permitido a qualquer militante ou organismo manifestar publicamente posição discordante (sem prejuízo de a manifestar e defender no interior do Partido, dentro da legalidade estatutária). Neste essencial, os estatutos actuais e a proposta do CC são coincidentes. A discordância é sobre a possibilidade de qualquer militante ou organismo se pronunciarem publicamente sobre tais questões antes da tomada de posição do CC ou na ausência dela.

Os actuais estatutos dão-nos essa possibilidade, com a importante reserva de "não comprometer o Partido" em posições tomadas nessas circunstâncias. A proposta do CC retira-a, sem quaisquer reservas.

Que poderá isso significar, se for levado à prática? (e mal iria o Partido que consagrasse o uso de fazer aprovar grandes decisões que os seus militantes, no dia-a-dia, achassem melhor esquecer...)

Conhecemos as grandes deficiências da nossa imprensa central. Informação interna, pode dizer-se que nem sequer existe, nem boa nem má. Não dispondo de um órgão diário, ou sequer de posições com algum significado nos grandes meios de informação burgueses (por onde os nossos comunicados — quando os houvesse — fossem difundidos), e encontrando-nos ainda no zero de um aparelho de comunicação interna (um "Correio Vermelho"), as tomadas de posição do nosso CC sobre os mais momentosos problemas chegam às bases militantes com enorme morosidade. Como se isto não bastasse, as próprias dificuldades de funcionamento no nosso órgão dirigente máximo (sobre os quais não temos nenhum dado para fundamentar opinião), levam-

-no a tardar muito mais do que o desejável nas tomadas de posição mais necessárias e a divulgá-las, frequentemente, com grandes lacunas.

O exemplo, bem recente e bem lamentável, dos editoriais da "Voz do Povo" (também eles uma voz do Partido, avaliada pelo CC) após as eleições para as autarquias, defendendo posições absurdas e insustentáveis a princípio, para, semana após semana, ir completando uma viragem de 180 graus, são a prova mais evidente das dificuldades com que ainda deparamos em tal matéria.

Nesta situação, o que é que pode obter-se com a "lei do silêncio" que o novo Art. 16 pretende instituir? Que perante situações de crise aguda no plano nacional ou internacional, em momentos em que determinadas questões concentram o interesse e a ansiedade das massas populares, em que os eficientes meios de propaganda de todos os sectores da burguesia empanturram a opinião pública com as suas leituras, raramente desinteressadas, dos acontecimentos, os militantes comunistas, os combatentes de vanguarda em quem as massas confiam para lhes apontar a visão revolucionária da realidade, "passam à clandestinidade", esquivam-se a participar nas discussões em que toda a gente se envolve, com medo que alguém lhes peça a opinião que, estatutariamente não poderão dar senão uma semana depois, após a leitura do *Bandeira Vermelha*, ou, na melhor das hipóteses, alguns dias depois, quando lhes chegar às mãos o primeiro comunicado. Podem mesmo ter que esperar mais tempo, pois as primeiras posições a vir a lume talvez saiam publicadas em algum órgão "lateral", como a "Voz do Povo" e não correspondam nem à lógica das coisas nem à posição mais ou menos definitiva que venha a assumir-se semanas depois. Ao fim de tanto tempo de "paralisia mental", não é provável que alguém esteja interessado na nossa opinião.

Sobre um acontecimento que concite a opinião das massas trabalhadoras, um sindicalista poderá apresentar uma moção no seu sindicato, um jornalista poderá escrever um comentário oportuno, um verdadeiro agitador promoverá a discussão e procurará apresentar as interpretações justas e revolucionárias. Mas nada disso será possível antes da leitura da resolução do CC. Decerto que o Partido não sobreviveria muito tempo a esta prática.

Julgamos correcto que qualquer colectivo do Partido inferior ao CC condicione esta forma as suas tomadas de posição. Aos olhos das massas, um documento da célula X ou do comité Y do Partido vale como a palavra do Partido. Mas a expressão de cada militante, individualmente, ou mesmo dos colectivos, de forma não-oficial, ou seja de forma a "não comprometer" o Partido, não pode ser limitada senão pelo respeito à nossa linha política geral e aos interesses do Povo e da Revolução.

Necessariamente, poderão cometer-se erros. Mas as massas aceitam muito mais facilmente a reparação dos erros daqueles que permaneceram à sua frente

na luta, do que os daqueles que as abandonaram, furtando-se à sua frente na luta. Mesmo que, depois de passada a tempestade, lhes venhamos dizer que estivemos à espera de conhecer a posição do nosso CC e lhes louvemos os valores da disciplina de Partido...

Com as suas eventuais insuficiências, pronunciamos-nos a favor do Art. 16 dos actuais estatutos. Ao novo CC incumbe a decisiva tarefa de conseguir que o espaço de tempo entre um acontecimento e o conhecimento pelas bases da posição do Partido sobre ele seja o mais curto possível.

Saudações Comunistas
célula "27 de Novembro"
Reg. Enver Hoxha

Dever do militante

"A Classe Operária"
Fevereiro de 1968

A ideia de que as massas fazem a revolução é um conceito básico do marxismo-leninismo. A justeza desse princípio foi muitas vezes comprovada em diferentes países. Quando um povo adquire consciência da sua força e se lança à luta por elevados objetivos torna-se invencível. Os elementos mais decididos, abnegados, capazes e corajosos do povo constituem a sua vanguarda.

Os comunistas aspiram a ser a vanguarda das massas. Para bem cumprir esta tarefa, precisam transformar-se em pessoas inteiramente devotadas à causa revolucionária, em lutadores das primeiras linhas de combate, dispostos a enfrentar todas as dificuldades e a servir sinceramente ao povo. O ideal de um verdadeiro comunista é poder dedicar toda a sua vida, cada dia e cada hora, à revolução, à luta para libertar os trabalhadores da exploração do homem pelo homem e para construir uma nova sociedade.

Ao ingressar no Partido, o militante assume um compromisso com a organização e consigo mesmo de empenhar-se, com o máximo de suas energias, no cumprimento das tarefas partidárias. Ser fiel a esse compromisso é motivo de orgulho para o membro do Partido. O autêntico revolucionário sabe subordinar seus problemas pessoais, por mais repetíveis que sejam, aos interesses da causa que abraçou. Nada se sobrepõe ao cumprimento do dever de militante. Nenhuma razão de ordem particular pode afastar o comunista do posto para o qual foi designado. Não escolhe tarefa e se regozija quando lhe são atribuídos os encargos mais difíceis. Por maiores que sejam os sacrifícios que a luta lhe impõe, jamais se lamenta ou revela insatisfação. Se os militantes colocassem em primeiro plano questões de sua vida privada, quando muito seriam revolucionários pela metade. Estariam na posição de quem deseja a revolução, mas espera que outros a façam.

Quando se aguçam as contradições no campo internacional e quando a ditadura militar espesinha o povo brasileiro, mais necessário se torna que os comunistas se desprendam de tudo que possa entorpecer sua atividade revolucionária. Ir às massas, fortalecer o Partido e propagar a sua linha, organizar e dirigir lutas, elevar a consciência política do povo e despertá-lo para a guerra popular — são tarefas inadiáveis que reclamam dedicação e perseverança.

Os êxitos do Partido dependem de cada um e dos militantes em seu conjunto.

A FIRMEZA IDEOLÓGICA MARXISTA-LENINISTA

"O nosso Partido tem de consolidar-se com base numa firme ideologia marxista-leninista para que se demarque a cada passo das ideologias burguesas; e adquirir sólidos conhecimentos do marxismo-leninismo para que, nos planos teórico e prático, se eleve acima do empirismo e do praticismo, aliando a experiência prática à assimilação da teoria revolucionária." (do Projecto de Resolução Política do Comité Central para o II Congresso do Partido Comunista Português (Reconstruído)).

A formação ideológica e teórica dos militantes e, sobretudo, dos quadros dirigentes deve ser uma preocupação constante do nosso Partido. Esta questão, ressaltada pelo CC, foi e continua a ser para todos os marxistas-leninistas uma questão da maior importância, pois constitui uma verdadeira arma contra os erros e desvios de linha política, garante a posse da direcção do Partido nas mãos da classe operária, preserva o Partido dos diferentes tipos de degenerescência burguesa-revisionista, tanto nos partidos jovens como nos partidos com longos anos de experiência e actividade revolucionária, temperados em árduas batalhas contra os inimigos jurados da revolução, o imperialismo e a burguesia reaccionária internacional. São exemplos disso a histórica Revolução Cultural Proletária lançada pelo Partido Comunista da China e dirigida pessoalmente pelo camarada Mao Tsetung, bem como o destaque dado a esta questão pelo camarada Enver Hoxha no recém-realizado VII Congresso do heróico Partido do Trabalho da Albânia. O grande Lenine, no combate frontal e sem tréguas contra o espontaneísmo, disse: "...E quanto mais jovem é o movimento socialista num país, ..., tanto mais resolutamente se deve pôr os operários em guarda contra os maus conselheiros que vociferam contra a 'sobrestimação do elemento consciente'..."

No velho Partido Comunista de Bento, Alex, Militão e José Gregório, a necessidade do conhecimento marxista-leninista por parte dos quadros proletários foi subestimada, e isso constituiu um dos principais factores que impediram o Partido de liquidar por completo as ideologias pequeno-burguesas no seu seio, bem como o paralisou quase completamente face à tomada de assalto da sua direcção, após o afastamento de José Gregório (Alberto), pela camarilha burguesa-revisionista de Cunhal e a sua transformação de Partido Comunista em partido traidor revisionista ao serviço da burguesia nacional e do social-imperialismo soviético.

Não é demais portanto reforçar a importância da teoria marxista-leninista como uma arma eficaz do proletariado, particularmente num jovem partido comunista como o nosso que surgiu num período de intensa agudização da luta da classe operária contra os seus inimigos e falsos amigos e de uma profunda crise revolucionária no nosso país.

A luta espontânea da classe operária e dos trabalhadores só pode ser consequente nos seus objectivos e firme na sua táctica se for fundada com o marxismo-leninismo.

A intensa e permanente participação do nosso Partido nas batalhas de classe em que revolucionariamente se empenhou durante um ano de actividade, comparada com a escassa e embrionária actividade editorial, deve alertar-nos para a necessidade de superar rapidamente esta insuficiência, e reflecte a subestimação a que tem sido votada esta importante tarefa.

Assumindo a grande responsabilidade que lhe cabe nesta tarefa do nosso Partido, a célula Maria Machado, num breve balanço de actividade recentemente levado a efeito, concluiu que:

— Os principais entraves do nosso trabalho são resíduos de individualismo e trefismo, a resistência de alguns camaradas de acatar

as directivas quer da célula, quer de organismos dirigentes, quando não estão de acordo com elas, a superficialidade de análises e discussões políticas, o fraco controlo colectivo e o pouco entusiasmo de alguns camaradas no cumprimento das tarefas de que são incumbidos, pouco vigor revolucionário e pouca profundidade da crítica e da autocritica;

— Por outro lado, o que nos permitiu avançar particularmente após a reunião ampliada do CR, realizada em meados de 1976, com o objectivo de proceder à concretização das resoluções da 6ª Reunião Plenária do nosso Comité Central, foi o apego à linha táctica e estratégica, o início da revolucionarização dentro da célula, o respeito pela disciplina e normas revolucionárias do Partido, a discussão e apoio colectivo das iniciativas individuais.

Assim, embora se constatem alguns avanços na nossa actividade editorial, a célula apercebeu-se de insuficiências e fraquezas em todos os objectivos a alcançar de imediato, ou seja, no correcto enquadramento da actividade editorial nas bandeiras e frentes de luta, nas directivas e palavras de ordem, na táctica e na estratégia preconizadas pelo nosso Comité Central.

Verifica-se que foi nula a contribuição nomeadamente para as palavras de ordem "Os ricos que paguem a crise", e "Para o povo ser livre há que reprimir os fascistas", bem como nos campos da luta sindical, da unidade da classe operária e da construção da Frente. Foram insuficientes os contributos para a luta contra o revisionismo bem como na frente de luta nos campos. Na actividade editorial relativa ao internacionalismo proletário, verificaram-se alguns avanços mas ainda nada satisfatórios.

Para que a célula Maria Machado se torne naquilo que o nosso Partido espera dela, há que corrigir rapidamente todas estas insuficiências, todo o atraso da actividade editorial.

Sob o ponto de vista orgânico, a célula decidiu tor-

nar mais rigorosa e intransigente a discussão colectiva, apoiar o seu secretário no efectivo controlo das tarefas, levar à prática o princípio segundo o qual nenhuma tarefa pode ser independente de um responsável, um prazo e um plano.

Contudo, mesmo com este esforço orgânico e prático, para corrigir os erros e insuficiências e colocar a actividade editorial ao nível do Partido é necessário que todos os camaradas entendam que a actividade editorial é uma questão de todo o Partido.

A célula Maria Machado, com excepção para o Comité Central e CR a que pertence, que nos têm apresentado críticas, propostas, sugestões, etc., pode com justeza afirmar que os camaradas têm ideias erradas acerca da imprensa do Partido em geral e da actividade editorial em particular. Como poderá o Partido lançar publicações adaptadas à realidade concreta que ajudem efectivamente o trabalho dos camaradas de Trás-os-Montes, ou das Beiras, que desmascarem oportunamente a propaganda fascista e as manobras imperialistas nos Açores ou a revisionista na cintura industrial de Lisboa e no Alentejo, se os camaradas dessas regiões se colocarem na posição cómoda de aguardar a chegada de publicações pelo correio, e não se empenharem em propostas e envio de documentos, críticas, etc?

A célula Maria Machado apela a todos os camaradas do Partido que organizativamente nos façam chegar críticas, sugestões, documentos, etc. Que estudem, vigiem e controlem a actividade editorial e apliquem os ensinamentos contidos nas publicações do Partido.

Em frente com o II Congresso do Partido

Viva o Partido Comunista Português (Reconstruído)!

Fevereiro de 1977

A Célula Maria Machado.

A "ERA" DOS GRUPOS TERMINOU

28 Janeiro de 1977

A Comissão de Redacção da "Tribuna do Congresso"

A época dos grupos representa hoje para nós toda uma fase histórica — longa — em que o proletariado português esteve privado do seu Partido. Não é a existência dos grupos, mas a inexistência do Partido, que verberamos. Situação que se traduziu na incapacidade organizativa e política dos marxistas-leninistas em congregarem os melhores filhos da Classe Operária e do Povo sob uma mesma bandeira, a do seu Partido, em pôr de pé o Estado-Maior que os conduziria, à frente de todo o Povo, no combate contra a besta fascista e a pòdre sociedade que ela defendia, dirigi-los seguramente na senda da Revolução. Não saber unir, não saber organizar, não saber dirigir, foi a "experiência" que nos legou a era dos grupos, e, com ela, todo o escarapate de caciques, de "amigos", de "seguidores", de viciosos e de oportunistas.

Mas, porque a "era dos grupos" foi também uma longa dúzia de anos em que a História não parou e os filhos dos proletários se tornaram adultos, não podemos apagar tal "era" da nossa história, da história do nosso Partido. Porque dela recebemos também os combatentes temperados por anos de luta clandestina contra o terror fascista, anos em que os erros que hoje compendiamos na nossa imprensa legal se pagavam muito caro, com o exílio ou a fome, a prisão, a tortura e a vida.

Luta que assumiu muitas formas, da espontânea à (mal) organizada. E esta última era a dos "grupos". Porque para eles o marxismo-leninismo, a teoria revolucionária procurava conjugar-se (mal) com as lutas do Povo. E, fora dessa conjugação, não havia, não podia haver, movimento revolucionário. Nem poderia o mais ou menos democrático-burguês MFA ser a galinha que chocasse os ovos donde saíssem os comunistas feitos e puros, sem nenhum passado nesses doze anos que findavam, sem erros nem experiência própria, mas impantes da experiência dos erros alheios.

Quer gostemos deles, quer não, "os grupos" são um pouco da nossa história, e o materialismo não nos autoriza a esquecê-la. "Um pouco" tão importante que é (ainda) da fusão deles que nasce o nosso Partido. Não há que escondê-lo, de vergonha. Assim nasceram os Partidos de Lenine e Enver Hoxha, de "um grupo" nasceu o Partido de Mao Tsetung. Do ventre da classe operária (fecundado por uma ciência que não poderia ser senão transportada de fora) e tendo a História por parteira, nenhum Partido Comunista nasceu sem as dores dos "grupos", e não há "parto preparado" que as evite.

Uma coisa são os grupos e a História, outra é o grupismo e os oportunistas que nele escolheram carreira condenada. Aproveitar do passado para servir o presente e o futuro não nos impede, antes nos apoia, a destruir o velho em benefício do novo.

A proposta de resolução do nosso CC leva a condenação da "era dos grupos" até aos limites mais inesperados, como seja o de referir a existência, antes do 25 de Abril de 1974, do MRPP e dos vilaristas, omitindo por completo, como se tivessem florescido com a "revolução dos cravos", os grupos que, desde 68/69 se foram encaminhando, embora aos tropeções, para o que é hoje o nosso PCP(R).

Porém, este incompreensível pudor não é bastante para camuflar lutazinhas de prestígio que alguns restos de grupos pretendam continuar a travar dentro do Partido.

Disso é exemplo, no projecto de Resolução, as considerações finais, na pág. 47, do ponto que se refere ao I Congresso.

Diz-se aí que "a atitude justa dos que abandonaram o grupo (OCMLP) na altura da realização do Congresso para reforçarem o Partido, abalou profundamente a autoridade dos caciques. E, apesar de ter enfraquecido, momentaneamente, a corrente pró-Partido, teve a particularidade de ajudar a agudizar as contradições..."

Ressalvando que esta é uma questão bem secundária para as nossas preocupações de hoje, queremos afirmar claramente que isto

é falso, é uma descarada procura de louros por quem não os merece, é anti-marxista-leninista.

Os camaradas que tomaram a tal atitude "justa" erraram. Ao voltarem costas à luta dentro do seu grupo, privilegiaram as posições de outro(s) grupo(s) — pois o Partido ainda não existia — e, longe de abalar a autoridade dos caciques (Albano e C^a), consolidaram-na. Enfraqueceram a corrente pró-Partido, não apenas "momentaneamente", mas durante toda a luta que restava travar, e que foi travada.

O objectivo central da luta dos verdadeiros comunistas — a reconstrução do Partido — esse é que era justo, e lhes deu força para lutar até ao fim. A traição dos dirigentes corruptos e direitistas, a sua criminosa sabotagem do processo de reconstrução do Partido, essas sim, agudizaram as contradições entre eles e os comunistas da OCMLP.

Mas o abandono do campo da luta — um campo onde havia muitas centenas de comunistas que havia que trazer para o Partido — por esses camaradas, esse foi indigno de combatentes de vanguarda.

A esmagadora maioria dos camaradas (algumas dezenas, menos de 10% dos efectivos) que "abandonaram o grupo" fê-lo sem ter travado qualquer luta. Apenas um camarada, de todo impedido de travar a luta no interior do grupo, teve esse como único caminho a seguir. Outro, lutando denodadamente (embora nem sempre acertadamente), foi enxovalhado e isolado de tal modo que poderia justificar a opção que tomou. Todos os restantes (em quase 200 representativos de 700 militantes) estavam em condições de prosseguir na luta (como nós outros fizemos... e vencemos!)

Excluindo esses dois camaradas, e ainda um terceiro que levou o seu combate até meio, NENHUM dos camaradas que, pretensamente, foram "reforçar o Partido" se abalançou para a luta.

Camaradas que permaneceram mudos e quedos durante o primeiro combate, incluindo alguns que saudaram com regozijo os últimos subterfúgios anti-Partido na derradeira reunião de

quadros da OCMLP, comunicaram depois, por carta ou por recado, que haviam optado pela proposta de partido de outros grupos.

Estas atitudes, em nada "justas", vieram de facto reforçar os anti-Partido, que conspurcavam o Congresso alardeando a informação (verdadeira) de que a quase totalidade dos ex-OCMLP nele presentes tinham tido direito a representação individual (não representavam ninguém que lá não estivesse) e, que haviam figurado como ex-militantes da OCMLP indivíduos que nem como simpatizantes tinham estado devidamente organizados anteriormente.

Não foram esses abandonos da luta que "abalaram a autoridade dos caciques e fortaleceram o Partido", mas a perseverança e combatividade de camaradas que permaneceram onde eram mais necessários, arrostando com calúnias, tentativas de expulsão, (Albano bem gostaria que eles também tivessem ido "reforçar o Partido", e o deixassem à cabeça de centenas de lutadores enganados).

No último, difícil, e "historicamente" longo (sete dias e sete noites) combate, os camaradas da "atitude justa" não participaram, porque tinham reconhecido (antes do tempo e sem luta) a derrota. Mas enganaram-se. A luta foi difícil, mas o marxismo-leninismo venceu. Apesar do golpe que os da "atitude justa" lhe deram.

Reunidos no Partido, abraçamos os camaradas que erraram, reconhecemos na origem do seu erro uma aspiração justa, que também era a nossa. Lamentamos mesmo, muito sentidamente que alguns, dentre vós, continuem a virar as costas à luta, como fizeram há um ano e tal, e não poucos estejam a tomar a injusta atitude de se afastar do nosso Partido. Mas que nenhum nos agarre no braço estendido para pedir a "condecoração" imerecida de lhe reconhecermos a "atitude justa" que o nosso CC irreflectidamente propõe.

Saudações Comunistas
Al.
(da célula "27 de Novembro" do Regional Enver Hoxha)

COMPREENDER, ASSIMILAR E APLICAR OS ESTATUTOS...

Camaradas, Saudações Comunistas!

Os artigos que seguem foram retirados do Informe do CC do Partido irmão de Espanha ao seu primeiro Congresso. Na certeza de que contribuirão para enriquecer o debate e serão

uma arma para fortalecer o nosso Partido como autêntico partido marxista-leninista e para elevar a nossa capacidade colec-

tiva e o nível ideológico dos militantes, aqui ficam, com os votos de que saibamos sempre cada vez mais e de forma ininterrupta, revolucionarizar as

nossas fileiras, arrancar de nós o liberalismo e o grupismo pequeno-burgueses em matéria de organização, e elevar os métodos de organização à altura da direcção ideológica e política, eliminando deste modo a tendência para diluir a organização em métodos rotineiros e estreitos, que emperram o Partido e

constituem um campo fértil para o seguidismo em matéria de organização, que é sempre um embrião do revisionismo.

Em frente com a Revolucionarização ininterrupta das nossas fileiras!

Que os operários dirijam o seu Partido!

"COMPREENDER, ASSIMILAR E APLICAR OS ESTATUTOS, CONDIÇÃO FUNDAMENTAL PARA A ASSIMILAÇÃO DO ESPÍRITO DE ORGANIZAÇÃO E DO ESPÍRITO MILITANTE DE TODOS OS MEMBROS DO PARTIDO"

As normas estatutárias são a sistematização dos princípios marxistas-leninistas em matéria de organização, e o seu estudo, assimilação e aplicação constituem a arma fundamental que forja o Partido.

Um partido que não preste atenção à aplicação constante dos seus estatutos, baseados nos princípios leninistas, corre constantemente o perigo de resvalar para o oportunismo. Por isso, é preciso combater as concepções formalistas que encaram os estatutos como uma simples instância que se dá a conhecer aos novos membros, e não como uma arma que os vá forjando na exigência dos seus deveres e no cumprimento do centralismo democrático em toda a vida interna do Partido.

Os estatutos são uma arma contínua de trabalho, um documento básico e permanente de estudo e de consulta para qualquer organismo ou militante. Os estatutos constam não só do 1º artigo, ainda que este seja o mais importante e onde se assinalam as condições mínimas para que uma pessoa possa ser considerada membro do Partido, mas também de toda uma série de deveres e de normas de comportamento que estão sistematizadas aí, que o militante deve ir esforçando-se continuamente por cumprir.

Tomemos como exemplo o problema das quotizações e da solicitação da ajuda económica das massas pelo Partido; são estes deveres que todos os mili-

tantes devem cumprir e em relação aos quais se devem superar, e no entanto acontece muitas vezes entenderem-nos de uma maneira formal, limitando-se a dispendir um mínimo económico e não se desenvolve a audácia necessária para conseguir a ajuda económica das massas ao Partido, ligando-as deste modo mais a ele. Por vezes ainda não se compreende que o problema económico é de muita importância para a Revolução, e não nos esforçamos por cumprir esse dever que todos os militantes têm e que está estipulado nos Estatutos. Se este problema que tomámos como exemplo fosse discutido nos colectivos do Partido como norma e dever estatutário, fazendo ver a sua importância, dar-se-iam grandes passos e, além disso, ajudaria a forjar os militantes, ao aplicar consequentemente os seus deveres de membros do Partido.

O militante que não assimile e que não dê importância aos Estatutos desligar-se-á pouco a pouco do seu compromisso militante e entricheirar-se-á em vícios de individualismo que o irão isolando da organização. De igual modo, um partido que não dê importância aos seus Estatutos, que não se preocupe com a sua aplicação constante, acabará por viciar-se em métodos artesanais, anárquicos, e em última análise, revisionistas, que dissolverão a sua capacidade de vanguarda organizada do proletariado.

"A CÉLULA, PEÇA-CHAVE DA NOSSA ORGANIZAÇÃO"

A célula é a organização base do Partido, a forja que vai temperando o militante no seu trabalho directo de massas. Por isso é muito importante que a célula funcione correctamente, pois ela constitui o laço de união mais directo entre o conjunto do Partido e as amplas massas.

Temos de partir da consideração básica de que nem por ser a organização base do Partido a célula deve deixar de ter funções directivas. Qualquer célula tal como qualquer comunista, é um dirigente perante as massas junto às quais trabalha. Sem compreender o papel das funções directivas da célula, não se poderá compreender na essência o papel de vanguarda do Partido nem desenvolver um correcto trabalho de massas; por isso é que o trabalho dos membros de uma célula nunca se pode limitar à reunião pura e simples da mesma, embora isto seja muito importante e o catalisador de todo o seu trabalho, mas deve desenvolver um trabalho colectivo e planificado face às massas. Essa é a sua tarefa central.

Desburocratizar ainda mais as reuniões e torná-las mais vivas, com maior riqueza ideológica e política, com base nos problemas permanentes das massas, nos problemas gerais e concretos de cada local e sector.

Preparar, dirigir e sistematizar experiências de luta de mas-

sas, juntamente com o recrutamento, são os pontos sobre os quais se deve centrar todo o controlo e o trabalho permanente da célula.

No trabalho de célula há que acabar com uma concepção formalista do militante em que por vezes se cai, e de um modo particular no que diz respeito ao trabalho com os simpatizantes organizados. A militância no Partido não consiste apenas em limitar-se ao artigo 1º dos Estatutos, mas a célula é uma arma que, através do trabalho prático e da direcção da luta de massas, vai forjando o militante elevando a sua capacidade ideológica e política, a sua capacidade organizativa, a sua perspicácia no trabalho e a sua responsabilidade comunista. Não basta recrutar um novo membro e exigir-lhe imediatamente o cumprimento de tarefas sem o ajudar a avançar através da direcção e do trabalho colectivo da célula; isso é uma manifestação de liberalismo e uma aplicação mecânica do justo princípio de submissão do militante à organização. Para que o militante se submeta e se entregue cada vez mais à organização, esta tem de se preocupar em formá-lo, em responsabilizá-lo cada vez mais pelas suas tarefas de militante comunista.

Isto coloca-nos perante a tarefa de enriquecer a vida política das células do Partido, ligando-as mais estreitamente a um amplo trabalho de massas.

Pela discussão, assimilação e aplicação dos Estatutos!
Forjemo-nos como verdadeiros combatentes da Revolução!
Viva a classe operária!
Viva o PCP(R)!

A.

Fogo sobre o liberalismo e o grupismo pequeno-burgueses!
Em frente com o PCP(R), unha com carne com as aspirações das massas populares!
Ergamos com firmeza a bandeira invencível do marxismo-leninismo e a Revolução Popular Vencerá!
Viva o PCP(R)!

A.

SOBRE O TRABALHO DO PARTIDO

JUNTO DOS CAMPONESES

Até há bem pouco tempo, o nosso Partido foi incapaz de, com a firmeza de um partido proletário, concretizar na prática aquilo que é condição fundamental para o avanço a passos largos e seguros do movimento popular e sem a qual se torna impossível tanto o alargamento e proletarianização do Partido, como o caminho para Revolução e a tomada do poder; essa condição é a **aliança operária-camponesa**, que o nosso Comité Central já definiu com clareza como um pilar sem o qual comprometeremos para já a linha táctica do nosso Partido, e a reduziremos a palavras sem sentido.

A estreiteza de vistas da ideologia pequeno-burguesa, que durante algum tempo estagnou a acção do Partido e quase o paralisou internamente em algumas regiões, o seu desprezo pelas massas camponesas, a sua fuga às condições mais duras para que essa aliança se possa realizar inteiramente, impediu que mais cedo se pensasse seriamente nesta questão, evitou que fossem tomadas medidas radicais para que se intensificasse o já de si fraco trabalho do Partido junto do proletariado agrícola e do campesinato pobre.

As incompreensões políticas neste aspecto, que se traduziram no completo adormecimento de grande parte do povo camponês do nosso país (pelo abandono a que tem sido votado pelos comunistas por um lado, e pela dominação de caciques burgueses revisionistas e fascistas por outro), foram de facto a consequência natural de fraquezas ideológicas graves, isto é, o predomínio da ideologia pequeno-burguesa em organismos intermédios, aversa pela sua natureza ao comando do Partido pelo proletariado e à ligação íntima deste com os camponeses.

É por isto que queremos realçar aqui a importância extrema do que significa cada acção de massas, cada passo dado no avanço do movimento popular que o nosso Partido conduz, ter de corresponder a um reforço interno, quantitativo e qualitativo, a um novo passo na proletarianização e

revolucionarização nas nossas fileiras.

Na nossa zona, começam a dar-se os primeiros passos, ainda pequenos, na ligação do Partido aos camponeses, através da acção revolucionária dos nossos militantes, nas aldeias onde as condições de miséria do nosso povo são mais flagrantemente. Iniciam-se os primeiros passos na sua organização em torno dos problemas que mais sente, começando pelos que exigem solução imediata.

A dureza do trabalho junto dos camponeses exigirá cada vez maior persistência e mais pesados sacrifícios. Se o nosso objectivo tem de ser alargar o Partido, fazê-lo respeitar por esta enorme força aliada natural do proletariado, terá de ser então o esforço ininterrupto pela sua mobilização constante — agarrando os mais combativos e respeitados para as nossas fileiras — que determinará a

vida do Partido nestas regiões.

Dois tipos de dificuldades pesam, contudo, nesta zona: primeiro, a **grande falta de quadros**, que retarda forçosamente o trabalho do Partido no campo e, consequentemente, a sua influência. As forças reduzidas do Partido cobrem uma pequena parte das imensas tarefas que, a serem por muito tempo adiaadas, perderão os momentos mais oportunos para serem levadas a cabo com energia e eficácia. Segundo, a **dispersão enorme das aldeias do concelho** (segundo cremos, o segundo maior do nosso país), que vem justificar plenamente a necessidade de quadros, não tanto para iniciar o trabalho do Partido nas mais diversas aldeias, como sobretudo para organizar, apreendendo continuamente o enorme caudal revolucionário camponês, com base em camaradas que não estão ain-

da organizados e são o "fio do novelo" por onde há que começar.

É por esta razão inteiramente justo o apelo do nosso Comité Central no que respeita ao fortalecimento do Partido nas zonas camponesas:

"Devemos orientar esforços nestes três sentidos (fábricas, assalariados rurais, aldeias mais revolucionárias das zonas rurais) e manter com perseverança esta orientação. Para estes **postos** devem ser destinados os **melhores quadros**; neles se deve centrar o **nosso trabalho político, de agitação e propaganda e de organização**".

(Projecto de Resolução Política do CC para o II Congresso — V Capítulo, 6. Destacamento de vanguarda da classe operária implantado nos centros nervosos da luta de classes).

Estamos convencidos de que o nosso Partido e principalmente o seu II Congresso traçarão uma política justa e urgente de distribuição dos seus quadros. Por isso se devem bater todos os militantes do Partido. Há que reconhecer que muitos camaradas desperdiçam a sua capacidade no trabalho de bairro das zonas urbanas, onde todo o desenvolvimento do Partido dependerá da sua acção nas fábricas.

O reconhecimento do Partido no seio dos camponeses passará, finalmente, (no plano do trabalho abnegado dos comunistas na luta pela unidade do povo camponês em torno dos seus problemas), pela associação íntima desses problemas com as justas palavras de ordem e a táctica do Partido.

É fundamental avivar nas fileiras do Partido o entusiasmo proletário pela luta do campesinato pobre, não perder uma única oportunidade de popularização de cada exemplo da força revolucionária dos camponeses, recolher os ensinamentos de cada luta e enriquecê-la com novos dados, de modo a fornecer progressivamente perspectivas cada vez mais claras de organização e mobilização dos camponeses.

Célula "17 de Outubro"

